

# Crise política dificulta o ajustamento

São Paulo — Luiz Luppi

**Lia Carneiro**

**SÃO PAULO** — Os fatos políticos e econômicos da vida brasileira têm a tendência de explodir como uma boiada. Só que, de repente, sem ninguém entender de que maneira, o estouro é contido e tudo volta ao normal. O raciocínio é do presidente da Siemens, Hermann Wever, para explicar a influência da atual crise política na deprimida economia nacional. "Só espero que a boiada pare de correr logo", brinca Wever, que gosta de se definir como otimista. "Com tranquilidade política, a economia ainda tem potencial e tempo para crescer de 2% a 2% em 1992 e terminar o ano com uma inflação entre 12% e 14%."

Wever entende que associar a crise política à queda de 8,5% nas vendas da indústria paulista em maio, como fez o diretor do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Walter Sacca, na semana passada, é o "estouro da boiada". "Não acho que as pessoas deixam de comer por causa da crise política e não conheço nenhuma empresa que tome decisão de longo prazo baseada nos acontecimentos desta semana ou da que passou", argumenta ele.

**Especulação** — Na hora de separar crise política de crise econômica, o empresário avalia as declarações da secretária nacional da Economia, Dorothéa Werneck, que ele considera "a melhor public relations do governo. "A CPI é um momento importante para solidificar a democracia, mas é importante não misturar isso com a economia, que deve continuar andando", afirma Dorothéa Werneck, lembrando que a Bolsa de Valores "não é um indicador da economia porque inventa boatos para sustentar a especulação". "É claro que as bolsas e os mercados de risco flutuam em função da política e da especulação. E as bolsas até reagiram no final da semana", acrescenta Wever, lembrando que a Siemens espera faturar US\$ 460 milhões em 1992 e os investimentos cresceram 40% em relação a 1991 — US\$ 35 milhões.

Outros empresários também acreditam que a lama das denúncias no meio político não afeta o dia-a-dia da economia. "A economia está devagar porque estamos enfrentando um pro-

cesso recessivo. No nosso setor nenhum investimento está sendo adiado. Vamos investir US\$ 1 bilhão este ano", afirma o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Adelar Scheuer. "Ninguém parou de trabalhar por causa da CPI. O consumidor está retraído porque a recessão ainda está de pé", reforça o presidente da Bolsa Mercantil & de Futuros, Manoel Francisco Pires da Costa. "O que nós temos é que evitar que a reforma fiscal, por exemplo, fique parada no Congresso. Precisamos continuar caminhando para o Primeiro Mundo".

**Sem remarcação** — Na verdade, o que se deve temer em relação à crise política não são seus efeitos no curíssimo prazo. "O que estamos constatando é que, ao contrário do que se imaginava, as incertezas geradas pela CPI não se transformaram em um movimento de remarcação preventiva de preços", analisa o ex-ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, lembrando que a inflação medida pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) recuou de 22,94% para 22,66% da primeira para a segunda semana de junho. "É surpreendente: os empresários perceberam que o melhor é cuidarem de suas empresas e que o mercado está rejeitando aumento de preços." Para Maílson, o problema da crise política é que ela potencializa as incertezas e interfere nas decisões estratégicas. "Os investimentos são adiados."

O presidente da Arteb, Pedro Eberhardt, confirma esse efeito de desaceleração. "Não parei, mas estou mais devagar. Nesta época eu deveria estar planejando os investimentos para 1993, mas a confusão política acaba te obrigando a diminuir a velocidade das decisões", afirma Eberhardt, ressaltando que o Grupo Arteb faturou US\$ 120 milhões em 1991 e está investindo US\$ 20 milhões em 1992. "O problema é o medo na hora de decidir coisas mais sérias", acrescenta o diretor da Fiesp, Feres Abujamra. "Fica todo mundo receoso e o empresário acaba empurrando as medidas. A longo prazo, isto é um desastre."



Wever, da Siemens: economia ainda pode crescer 2% em 92 e terminar com inflação de 12%

## Despesas em São Paulo

3º semana de maio:

**2.166**

Total do mês de maio:

**10.833**

1º semana de junho:

**4.550**

2º semana de junho:

**2.599**

Fonte: Fiesp

## Evolução do dólar

(preço de venda no paralelo em Cr\$)

18 de maio:	2.780
18 de maio:	2.800
20 de maio:	2.790
21 de maio:	2.850
22 de maio:	2.890
25 de maio:	2.970
26 de maio:	2.980
27 de maio:	2.980
28 de maio:	2.950
29 de maio:	3.000

### Junho

1 de junho:	3.000
2 de junho:	3.000
3 de junho:	3.020
4 de junho:	3.020
5 de junho:	3.040
8 de junho:	3.080
9 de junho:	3.090
10 de junho:	3.100
11 de junho:	3.140
12 de junho:	3.190
15 de junho:	3.280
16 de junho:	3.340
17 de junho:	3.400
18 de junho:	3.450
19 de junho:	3.450
22 de junho:	3.420
23 de junho:	3.500
24 de junho:	3.470
25 de junho:	3.560
26 de junho:	3.600

Fonte: Pesquisa JORNAL DO BRASIL